

A CRISE EUROPEIA

4 - O Período Europeístico II AINDA ALGUMAS OBSERVAÇÕES PRELIMINARES

por ABEL SALAZAR

Mostrámos no artigo precedente, embora de forma sumária, alguns exponentes comuns aos períodos de decadência, e indicámos as fontes onde o leitor poderá encontrar os elementos necessários para compreender a analogia dos quadros.

Não há, porém, só semelhanças; há igualmente diferenças: diferenças políticas, sociais, económicas, orgânicas, intelectuais e estéticas, diferenças, enfim, quanto à forma específica da civilização, e quanto ao grau que cada uma ocupa na seriação progressiva Egea-Grecia-Roma-Europa.

Assim é que Ferdinand Lot, insistindo sobre a regressão económica, e dando-nos o quadro da decomposição de Roma, decomposição que prefacia a Idade-Média, insiste, no entanto, sobre certas diferenças, entre as quais avulta a ausência de um capitalismo propriamente dito, nas civilizações antigas. O facto é discutido e muitos historiadores são de opinião contrária. Aceitemo-lo, porém, como exacto: esta e outras diferenças nada retiram ao valor das analogias profundas, e não bastam para eliminar o conceito dos períodos de decadência, regidos por leis comuns.

Estas leis são inerentes à mecânica geral dos complexos históricos, aos complexos civilizações, mecânica que não impede a transformação e evolução destes complexos em função do tempo, de sua seriação, e da mecânica geral da História. As diferenças individuais, específicas, inerentes a cada complexo, a cada sistema histórico de civilização, sem as quais, de resto, não poderia haver civilizações diferenciáveis, não invalidam as analogias profundas inerentes ao mecanismo geral de formação, organização, progresso e regresso desses complexos.

Teremos de analisar este facto mais a fundo no momento próprio, isto é, no momento em que estudarmos o período Europeístico no que diz respeito à sua posição no fluxo geral da História, como elemento da série Egea-Grecia-Roma-Europa, como elemento da série Europa pré-histórica, proto-histórica e histórica, como elemento em interferência com os complexos convergentes, etc. Teremos, então, de pôr em foco os elementos fundamentais de diferenciação, e aqueles que, no fluxo do tempo, e na série complexa de acções, reacções e interferências, contribuíram para modelar e nutrir o complexo europeu, quer na sua fase de constituição, quer na sua fase áurea, quer, ainda, na sua fase europeística ou pro-europeística.

Veremos, então, que as diferenças específicas são absolutamente lógicas e necessárias, inerentes, como dissemos, à mecânica geral da História; e que, assim, são uma condição mesmo da existência do complexo europeu. Nestas circunstâncias, não devemos anular artificialmente e illogicamente as analogias sobrepondo-lhe as inevitáveis diferenças, mas sim procurar as analogias e leis gerais dos fenómenos sob as aparências muitas vezes enganadoras das diferenças específicas.

Para evitar confusões desta ordem, fizemos antecipar este estudo por um esquisso biomecânico da História, que nos serve de quadro geral e de orientação. Como vimos, em face dessa teoria, a história repete-se sem se repetir, isto é, repete-se transformando-se, evoluindo, desenvolvendo-se. Demos, como imagem esquemática deste movimento geral, a espiral ou a hélice-espiral, cujo movimento se repete sem se repetir, isto é, mantém sempre a mesma forma de movimento embora se desenvolva no espaço e no tempo. Além disso, a espiral desenvolve-se em volta de um ou mais centros, o que constitui uma esquematização bem representativa da mecânica da história. O paradoxo «repete-se sem se repetir» tem assim uma explicação fácil, que o leitor apreenderá facilmente, sem mais explicações: e, desta forma, podemos eliminar, por insuficiência, as teorias que defendem as teses contrárias da repetição ou da não repetição da História.

Como veremos, é, a nosso ver, a totalização no tempo da experiência o factor capital que determina a forma de movimento espiraloide da História. Este factor, e esta forma, têm, pois, de entrar em linha de conta na análise dos períodos europeístico e pro-europeístico.

As diferenças a que acima nos referimos são função desta forma de movimento, como igualmente as analogias: exactamente como, em cada um dos seus momentos, a espiral repete o movimento, encontrando-se num ponto do espaço diferente dos pontos homólogos.

Assim, uma diferença nítida tem de ser estabelecida entre os exponentes de diferencia-

ção de um complexo, e os exponentes de analogias. Os primeiros dizem respeito ao desenvolvimento espiraloide, os segundos dizem respeito ao que há de fundamental e comum na lei de formação da espiral.

Convém ainda acentuar que há uma diferença importante entre a espiral como concepção geométrica e o fenómeno real de traçar um espiral. Este mete o factor tempo; e se introduzirmos este numa representação esquemática, teremos de realizar esta num espaço de três dimensões, quando a espiral apenas geométrica se representa num espaço de duas dimensões. Se fôr uma hélice-espiraloide considerada como fenómeno real quanto ao seu traçado, teremos de a representar, como fenómeno, isto é, com a introdução da coordenada tempo, num espaço de quatro dimensões. E' para evitar esta complicação que julgo útil reduzir a esquematização ao caso da espiral simples, embora a hélice-espiraloide nos dê uma representação mais perfeita e completa do movimento geral da História.

Limitando-nos, por agora, a estas ideias sumárias—e não esquecendo já mais que tal representação tem por fim, apenas, facilitar a compreensão das coisas, e por forma alguma a pretensão de representação geométrica dos fenómenos—podemos abordar o estudo do período europeístico sem risco de nos perdermos logo de início na confusão dos factos e nas, por vezes, illusórias aparências.

Por outro lado, como dissemos já, não nos é possível, nas páginas dum jornal, e dado o carácter sumário destes artigos, dar aqui documentações desenvolvidas sobre os fenómenos. Teremos de enviar o leitor às fontes e autores cuja consulta é indispensável para seguir o desenvolvimento do nosso ponto de vista sobre a Crise Europeia.

Não nos será mesmo possível, nestes artigos, dar ao leitor um desenvolvimento perfeitamente coordenado e seguido do nosso ponto de vista, mas apenas algumas conclusões extraídas do estudo já feito, apresentadas segundo o critério do que possa ser mais acessível e de mais imediato

interesse para o público em geral.

Significa isto que do estudo por nós feito sobre o assunto, e da documentação reunida, iremos extrair, sem uma sistematização perfeita, aqueles dados que nos parecem de um mais imediato e geral interesse. Para evitar a desorientação do leitor, traçaremos, por exemplo, um quadro geral dos fenómenos e elementos a estudar, e escolheremos em seguida, dentre esses fenómenos, os que nos pareçam mais sugestivos, deixando os outros por agora de lado, ou enviando o leitor àquelas fontes e autores onde possa encontrar o seu estudo desenvolvido.

Não é demais insistir em que o tratamento destas questões tem de ser diferente, conforme se trate de um livro, de um ensaio, de uma memória ou de um simples artigo ou série de artigos.

Desta forma um tratamento exclusivamente técnico e árido da questão seria neste local impróprio, fatigaria o leitor, e desorientá-lo-ia, talvez mais do que um tratamento da mesma questão sob uma forma, digamos, *jornalística*.

Esta via e este método são-me impostos, de resto, pela circunstância de não ser possível num meio como o nosso publicar um livro, mesmo pouco volumoso, sobre a questão, e de não termos sequer uma Revista onde tal assunto pudesse ser um pouco mais desenvolvido, e mais coerentemente tratado, com a respectiva bibliografia e discussão doutrinária.

Porque eu não ignoro nem as críticas possíveis de que é susceptível a minha teoria, nem a necessidade de uma discussão doutrinária, nem a obrigação de a pôr em confronto com as suas análogas ou opostas. Simplesmente tudo isso me é vedado pelas circunstâncias referidas, que o leitor deve sempre ter presente.

De resto, circunstâncias particularíssimas, que se torna inútil e mesmo impossível expôr ao leitor, mas que são fáceis de imaginar, embarçam grandemente o desenvolvimento do meu tema, e tornam quasi inabordável a sua

(Continua na página imediata)